

Capítulo 1

JULES

Nada de bom viria de deslizar a foto para a direita numa aplicação de encontros. O tipo segurava um peixe. Duplo sinal de alerta se o nome dele era *Todd*.

Já devia saber, mas ali estava eu, sentada sozinha no Bronze Gear, o bar mais famoso de Washington, a beber a minha vodca soda excessivamente cara depois de ficar pendurada.

Isso mesmo.

Pela primeira vez, um tipo chamado Todd que segurava um peixe deixara-me pendurada. Era o suficiente para uma rapariga dizer *que se lixe* e desperdiçar dezasseis dólares numa bebida, mesmo que ainda não trabalhasse a tempo inteiro.

Afinal, qual era a cena das fotografias de homens com peixes? Não podiam escolher algo mais criativo, como mergulhar com tubarões? Também centrado em animais marinhos, mas menos banal.

Talvez fosse estranho fixarmo-nos num peixe, mas impedia-me de pensar no horror do meu dia e no embaraço quente e pegajoso que cobria a minha pele.

Ter apanhado uma chuvada repentina a meio do caminho para o *campus* sem guarda-chuva à vista? Confere. (Cinco por cento de possibilidade de chuva, uma ova. Deveria processar a empresa da aplicação meteorológica).

Ficar presa numa carruagem de metro apinhada que tresandava a odor corporal durante quarenta minutos devido a um problema de energia? Confere.

Passar três horas à procura de um apartamento que resultou em dois pés cheios de bolhas e nenhuma pista? Confere.

Depois de um dia infernal, queria cancelar o encontro com o Todd, mas já o adiara duas vezes — devido a uma sessão de estudo remarçada, e quando me senti mal — e não queria deixá-lo pendurado de novo. Então aguentei e apareci, apenas para ficar eu pendurada.

O universo tinha sentido de humor, e por acaso era péssimo.

Terminei a bebida e chamei a empregada.

— A conta, por favor? — A *happy hour* começara pouco antes, mas desejava ir para casa e aconchegar-me com os meus dois verdadeiros amores. A Netflix e o *Ben & Jerry's* nunca me dececionavam.

— Já foi paga.

Quando as minhas sobranceiras se arquearam, a empregada inclinou a cabeça em direção a uma mesa de rapazes de vinte e poucos anos com ar de betos. Prováveis consultores, a julgar pelas roupas. Um deles, um sócio de Clark Kent com camisa axadrezada, ergueu o copo e sorriu-me.

— Cortesia de Clark, *o Consultor*.

Reprimi uma gargalhada ao levantar o copo e sorrir-lhe. Então eu não era a única a achar que ele parecia o *alter ego* do Super-Homem.

— Clark, *o Consultor*, salvou-me de comer *ramen* instantâneo ao jantar; portanto, um brinde a ele — declarei.

Eram dezasseis dólares que podia manter na conta bancária, embora tenha deixado uma gorjeta. Já trabalhei na restauração, e tornara-me obcecada com as gorjetas. Nenhum outro setor atura idiotas deste calibre.

Terminei a bebida grátis e mantive os olhos fixos em Clark, *o Consultor*, cujo olhar percorreu apreciativamente o meu rosto, cabelo e corpo.

Não acreditava em falsa humildade — sabia que era bonita. E também que, se me dirigisse àquela mesa, poderia acalmar o ego ferido com mais bebidas, elogios, e talvez um orgasmo ou dois mais tarde, se ele soubesse o que estava a fazer.

Tentador... mas não. Estava demasiado exausta para passar pela fase do engate.

Virei-me, mas não antes de captar a expressão de desapontamento dele. Para seu crédito, Clark, o *Consultor*, entendeu a mensagem implícita — *obrigada pela bebida, mas não estou interessada em levar as coisas adiante* — e não tentou aproximar-se, o que era mais do que poderia dizer da maioria dos homens.

Pus a mala ao ombro e estava prestes a tirar o casaco do cabide sob o balcão quando uma voz grave e arrastada arrepiou todos os cabelos da minha nuca.

— Olá, JR.

Duas palavras. O suficiente para desencadear a reação de luta ou fuga. Sinceramente, por aquela altura, já era um reflexo condicionado. Quando ouvia a voz dele, a minha tensão arterial disparava.

Sempre.

E o dia está cada vez melhor.

Os meus dedos apertaram a alça da mala antes de os forçar a descontraírem-se. *Não* lhe daria a satisfação de provocar em mim qualquer reação discernível.

Com isso em mente, respirei fundo, pus uma expressão neutra e virei-me lentamente, deparando com a visão mais indesejável do mundo a acompanhar o som mais indesejável do mundo.

A porra de Josh Chen.

Com o seu metro e oitenta, calças de ganga escuras e camisa branca *justa* para mostrar os músculos. Sem dúvida, ele planeava que assim fosse. Provavelmente gastava mais tempo com a aparência do que eu, e eu gastava algum. O dicionário Merriam-Webster devia ter o rosto dele ao lado da entrada *vaidoso*.

Josh era *tecnicamente* bonito. Cabelo escuro espesso, maçãs do rosto salientes, corpo esculpido. Características que me atraíam... se não estivessem ligadas a um ego tão grande que exigia o seu próprio código postal.

— Olá, Joshy — cumprimentei, sabendo o quanto ele detestava o diminutivo. Eu podia agradecer a Ava, a minha melhor amiga e irmã de Josh, essa pepita de ouro de informação.

O aborrecimento brilhou nos seus olhos, e sorri. O dia melhorava.

Para ser justa, fora Josh quem insistira em chamar-me JR. As iniciais de Jessica Rabbit, a personagem dos desenhos animados. Algumas pessoas podem considerar isso um elogio, mas quando se é uma ruiva que usa sutiã de copa 100 E, a comparação constante gasta-se rapidamente, e ele sabia isso.

— A beber sozinha? — Josh mudou a atenção para os bancos do bar vazios que me ladeavam. Ainda não estávamos no pico da *happy hour*, e os lugares mais cobiçados eram os compartimentos rente às paredes com painéis de carvalho, não o balcão. — Ou já afugentaste toda a gente num raio de seis metros?

— Engraçado falares em afugentar as pessoas. — Olhei para a mulher ao lado de Josh. Era linda, com cabelo e olhos castanhos e um corpo esguio envolto num incrível vestido-envelope com estampado gráfico. Uma pena que o seu bom gosto não se estendesse aos homens, se saíra com *ele*. — Vejo que recuperaste do ataque de sífilis e já atraístes outra mulher inocente para um encontro. — Direcionei as palavras seguintes à morena. — Não te conheço, mas sei que podias ter muito melhor. Confia em mim.

Josh tinha sífilis? Talvez sim. Talvez não. Ele ia para a cama com diversas mulheres, e não me admiraria se a contraísse, e não estaria a defender o código feminino se não avisasse a rapariga sobre essa *possibilidade*.

Em vez de recuar, ela riu-se.

— Obrigada pelo aviso, mas acho que vou ficar bem.

— A fazer piadas sobre DST. Que original. — Se Josh estava incomodado por o insultar diante da acompanhante, não o demonstrou. — Espero que os teus argumentos orais sejam mais criativos, ou terás dificuldade no mundo jurídico. Supondo que passas no exame da Ordem, claro.

A sua boca curvou-se num sorriso, revelando uma covinha na face esquerda.

Reprimi um rosnado. *Detestava* aquela covinha. Sempre que se formava, zombava, e só me apetecia espetar-lhe uma faca.

— Vou passar — retorqui friamente, controlando os pensamentos violentos. Josh despertava o pior que havia em mim. — Espero que

não sejas processado por negligência médica, Joshy, ou serei a primeira a oferecer os meus serviços à outra parte.

Dera o litro para conseguir uma vaga na Faculdade de Direito da Thayer e emprego na Silver & Klein, o prestigiado escritório de advogados onde estagiara no verão anterior. Não ia desperdiçar o sonho de me tornar advogada quando estava tão perto.

Nem pensar.

Eu ia passar no exame, e Josh Chen engoliria as suas palavras. E se tudo corresse bem, engasgar-se-ia também com elas.

— Grande conversa para quem ainda nem se formou. — Josh encostou-se ao balcão e apoiou nele o antebraço, parecendo irritantemente um modelo a posar para a revista *GQ*. Mudou de assunto antes que eu voltasse a responder. — Estás muito bem-vestida para quem saiu sozinha.

O seu olhar foi do meu cabelo encaracolado ao rosto maquilhado antes de se demorar no pingente de ouro que repousava no meu decote.

A minha coluna transformou-se em ferro. Ao contrário de Clark, o *Consultor*, o escrutínio de Josh ardeu-me na carne, quente e zombeteiro. O metal do colar aqueceu contra a pele, e fiz um esforço para não o arrancar e o atirar ao seu rosto presunçoso.

No entanto, por algum motivo, permaneci imóvel enquanto ele continuava a observação. Não era tão lascivo como avaliador. Parecia juntar todas as peças do quebra-cabeças e organizá-las numa imagem completa.

Os olhos de Josh desceram para o vestido de caxemira verde que abraçava o meu torso, deslizando para as pernas com meias pretas, e parou nas botas pretas de salto alto antes de subirem para encontrarem os meus olhos cor de avelã. O seu sorriso desapareceu, tornando a expressão ilegível.

Um silêncio carregado crepitou entre nós antes de ele falar novamente.

— Estás vestida para um encontro a sério. — A sua pose permaneceu casual, mas os olhos tornaram-se afiados como facas à espera de esculpir o meu constrangimento. — Mas ias-te embora, e são apenas cinco e meia.

Ergui o queixo enquanto o constrangimento me aquecia a pele. Josh era muitas coisas — irritante, arrogante, a cria de Satanás —, menos estúpido, sendo a *última* pessoa que eu queria que soubesse que ficara pendurada.

Iria atormentar-me até ao fim dos tempos.

— Não me digas que ele não apareceu. — Havia uma nota estranha na voz.

O calor intensificou-se. Meu Deus, não devia ter levado caxemira. Estava a assar no meu estúpido vestido.

— Devias preocupar-te menos com a minha vida amorosa e mais com a tua acompanhante.

Josh não olhava para a rapariga do vestido-envelope, mas ela não parecia importar-se. Estava entretida a conversar e a rir-se com a empregada.

— Garanto-te que, das coisas na minha lista de afazeres, preocupar-me com a tua vida amorosa não está sequer entre as primeiras cinco mil. — Apesar do sarcasmo, Josh continuou a observar-me com aquela expressão indecifrável.

O meu estômago embrulhou-se sem razão óbvia.

— Ótimo. — Era uma resposta idiota, mas o meu cérebro não estava a funcionar corretamente. Culpei a exaustão. Ou o álcool. Ou um milhão de coisas que não tinham nada que ver com o homem parado à minha frente.

Peguei no casaco e deslizei do banco, com a intenção de passar por ele sem mais conversa.

Infelizmente, calculara mal a distância entre a travessa do banco e o chão. O meu pé escorregou, e um pequeno arquejo atingiu-me a garganta quando o meu corpo se inclinou para trás. Estava a dois segundos de cair, porém, uma mão agarrou o meu pulso, puxando-me para a posição vertical.

Josh e eu estacámos ao mesmo tempo, os nossos olhos postos onde a sua mão envolvia o meu pulso. Não me lembrava da última vez em que nos tocáramos voluntariamente. Talvez três verões antes, numa festa, quando ele me empurrara, vestida, para a piscina, e eu retaliara dando-lhe uma cotovelada, acidental, nas virilhas.

A recordação dele dobrado com dores ainda me confortava em momentos de angústia, mas não pensava nisso.

Estava focada na sua proximidade perturbadora, sentindo o cheiro do seu perfume, agradável e cítrico, em vez do fogo e do enxofre que esperava.

A adrenalina da quase queda dominou-me, fazendo subir a frequência cardíaca para um nível perigoso.

— Já me podes soltar. — Obriguei a minha respiração a sair calma, apesar do calor sufocante. — Antes que o teu toque me provoque urticária.

O aperto de Josh aumentou por um milésimo de segundo antes de me largar o braço como se fosse uma batata quente. O aborrecimento fez desaparecer a sua expressão antes ilegível.

— Não precisas de me agradecer por ter evitado que partisses o cóccix, JR.

— Não sejas dramático, *Joshy*. Ter-me-ia endireitado.

— Claro. Deus não permita que a palavra *obrigada* saia da tua boca. — O sarcasmo intensificou-se. — És uma chata de galochas, sabias?

— É melhor do que ser idiota, ponto final.

As outras pessoas olhavam para Josh e viam um médico bonito e encantador. Eu olhava para ele e identificava um idiota crítico e hipócrita.

Podes fazer outras amigas, Ava. Ela não presta. Não precisas de alguém assim na tua vida.

Corei. Tinham passado sete anos desde que eu ouvira Josh falar com Ava sobre mim, na altura em que nos tornávamos amigas, e a recordação ainda doía. Não lhes dissera que os ouvira. Isso só faria Ava sentir-se mal, e Josh não merecia saber o quanto as suas palavras me magoaram.

Ele não era a primeira pessoa a não me considerar suficientemente boa, mas foi a primeira a tentar dar cabo de uma das minhas amizades.

Esbocei um sorriso tenso.

— Se me dás licença, excedi a tolerância diária para a tua presença. — Vesti o casaco, calcei as luvas e reajustei a mala. — Dá as minhas condolências à tua amiga.

Não lhe dando a hipótese de responder, passei por ele e acelerei o passo até ao ar frio de março. Só então me permiti descontraír, embora o meu pulso mantivesse a velocidade frenética.

De todas as pessoas que podiam estar no bar, *tivera* de encontrar Josh Chen. Poderia o dia piorar?

Já imaginava as provocações quando o voltasse a ver.

Lembras-te de quando ficaste pendurada, JR?

Recordas-te de quando passaste uma hora sozinha no bar como uma fracassada?

Lembras-te de quando te aperaltaste e gastaste o resto da tua sombra favorita para um tipo chamado Todd?

Ele não sabia das duas últimas coisas, mas não me admiraria se descobrisse.

Afundi as mãos nos bolsos e dobrei a esquina, ansiosa por aumentar a distância possível entre mim e a cria de Satanás.

O Bronze Gear fica numa animada zona de restaurantes, com música e pessoas a encher os passeios mesmo no inverno. O sítio onde me encontrava naquele momento, embora apenas a uma rua de distância, estava estranhamente silenciosa. Havia lojas fechadas em ambos os passeios e ervas daninhas a brotar das fendas no chão. O sol ainda não se pusera, mas as sombras que se alongavam criavam um ambiente sinistro.

Estuguei o passo por instinto, embora distraída não apenas pelo encontro com Josh, como também pelas dezenas de itens da minha lista de tarefas. Quando estava sozinha, as preocupações e tarefas enchiam o meu cérebro como crianças a clamar pela atenção dos pais.

Formatura, preparação para o exame da Ordem, possível repreensão de Todd por mensagem de texto (não, não vale a pena), continuar a procurar casa online, a festa-surpresa de anos da Ava este fim de semana...

Espera aí.

Aniversário. Março.

Estaquei.

Meu Deus.

Além de Ava, eu conhecia outra pessoa que fazia anos no início de março, mas...

Tirei o telemóvel do bolso com a mão trémula, e o meu estômago contraiu-se quando vi a data. *Dois de março.*

Era o aniversário *dela*. Esquecera-me.

A culpa comprimiu-me as entranhas, e perguntei-me, como fazia todos os anos, se devia ligar-lhe. Nunca o fazia, mas... *este ano podia ser diferente.*

Também dizia isso a mim mesma todos os anos.

Não devia sentir-me culpada. Ela também nunca ligava no meu aniversário. Ou no Natal. Ou em qualquer outro feriado. Eu não via nem falava com Adeline há sete anos.

Ligar. Não ligar. Ligar. Não ligar.

Mordi o lábio inferior.

Era o seu quadragésimo quinto aniversário. Um dos grandes, certo? Suficientemente grande para merecer os *parabéns* da filha... se ela ligasse a receber alguma coisa de mim.

Estava tão ocupada a debater que não dei por alguém a aproximar-se até que o cano duro de uma arma pressionou as minhas costas e uma voz rouca ordenou:

— Dá-me o teu telemóvel e a carteira. Já.

O meu coração acelerou e quase deixei cair o telemóvel. A descrença transformou os meus membros em pedra.

Só podes estar a brincar comigo.

Nunca façam ao universo perguntas para as quais não querem respostas, porque o dia pode, de facto, ficar muito pior.